



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

RUTH FABRÍCIO DA SILVA

**OS IMPACTOS CAUSADOS NA ALFABETIZAÇÃO PELO ENSINO REMOTO
EMERGENCIAL (ERE)**

**GUARABIRA/PB
2022**

RUTH FABRÍCIO DA SILVA

OS IMPACTOS CAUSADOS NA ALFABETIZAÇÃO PELO ENSINO REMOTO EMERGENCIAL (ERE)

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Departamento do Curso Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Ma. Elizangela Dias Santiago Fernandes

**GUARABIRA/PB
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586i Silva, Ruth Fabricio da.
Os impactos causados na alfabetização pelo ensino remoto emergencial (ERE) [manuscrito] / Ruth Fabricio da Silva. - 2022.
25 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2022.
"Orientação : Profa. Ma. Elizângela Dias Santiago Fernandes, Coordenação do Curso de Pedagogia - CH."
1. Ensino Remoto Emergencial. 2. Pós-pandemia. 3. Alfabetização. I. Título

21. ed. CDD 370

RUTH FABÍCIO DA SILVA

**OS IMPACTOS CAUSADOS NA ALFABETIZAÇÃO PELO ENSINO REMOTO
EMERGENCIAL (ERE)**

Trabalho de Conclusão de Curso
(Artigo) apresentado ao
Departamento do Curso Pedagogia
da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à
obtenção do título de Licenciada em
Pedagogia.

Área de concentração:
Fundamentos da Educação e
Formação Docente

Aprovada em: 30/11/2022

BANCA EXAMINADORA

Elizângela D. S. Fernandes

Profa. Ma. Elizângela Dias Santiago Fernandes (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Jackson Cícero França Barbosa

Prof. Dr. Jackson Cícero França Barbosa
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Francineide Batista de Souza Pedrosa

Profa. Ma. Francineide Batista de Souza Pedrosa
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Ao meu pai, pela dedicação,
companheirismo e amizade, DEDICO.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

| | |
|------|------------------------------------|
| BNCC | Base Nacional Comum Curricular |
| ERE | Ensino Remoto Emergencial |
| LD | Livro Didático |
| MEC | Ministério da Educação e Cultura |
| OPAS | Organização Pan-Americana da Saúde |

SUMÁRIO

| | | |
|----------|---|----|
| 1 | INTRODUÇÃO | 8 |
| 1.1 | METODOLOGIA..... | 9 |
| 2 | O QUE É ALFABETIZAÇÃO?..... | 9 |
| 2.1 | UMA BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO DA HISTÓRIA DA ALFABETIZAÇÃO NO BRASIL | 10 |
| 2.2 | A ALFABETIZAÇÃO NA PANDEMIA DA COVID-19 | 12 |
| 2.3 | POSSIBILIDADES DE FACILITAÇÃO DO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO | 13 |
| 3 | O PROCESSO DE RETORNO PARA AS ATIVIDADES DE ALFABETIZAÇÃO NO CONTEXTO PRESENCIAL | 16 |
| 3.1 | AS DIFICULDADES ENFRENTADAS PELAS PROFESSORAS ALFABETIZADORAS EM SALA DE AULA | 17 |
| 3.2 | PROJETOS QUE VIABILIZAM A ALFABETIZAÇÃO | 19 |
| 4 | CONCLUSÃO | 19 |
| | REFERÊNCIAS | 20 |
| | APÊNDICE A – ENTREVISTA ESTRUTURADA (Google Formulários) | 24 |
| | APÊNDICE B- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO | 25 |

OS IMPACTOS CAUSADOS NA ALFABETIZAÇÃO PELO ENSINO REMOTO EMERGENCIAL (ERE)

THE IMPACTS CAUSED ON LITERACY BY THE REMOTE EMERGENCY TEACHING (RET)

Ruth Fabrício da Silva^{1*}

RESUMO

Com a chegada da pandemia da Covid-19 e a necessidade de isolamento social para evitar o contágio acelerado pela doença, adotou-se o chamado Ensino Remoto Emergencial (ERE). Este artigo pontua aspectos do momento pós-pandemia que vivenciamos, no contexto escolar, principalmente no que diz respeito à alfabetização. O objetivo principal do presente estudo foi analisar os impactos causados pelo Ensino Remoto Emergencial (ERE) na alfabetização de crianças dos anos iniciais do Ensino Fundamental durante o período pós-pandemia e desafios encontrados pelas professoras alfabetizadoras para oferecer as condições necessárias para a apropriação da leitura e da escrita no período pós-pandêmico. A metodologia utilizada baseou-se na realização de pesquisa em educação, qualitativa e exploratória, a partir de entrevista estruturada feita com duas professoras de municípios diferentes do estado da Paraíba. Para fundamentar nossas reflexões, utilizamos autores como Soares (2009), Rego (2006), Mortatti (2006), Mainardes (2021), Paulo Freire (2020), Menezes (2019), Pereira (2022) entre outros, os quais apontam dificuldades relacionadas ao ensino pós-pandêmico, formação continuada, uso de tecnologias educacionais, metodologia lúdica; interação entre escola e família e projetos de alfabetização. O presente estudo potencializa reflexões sobre o tema e modos de saber e fazer dessa fase tão específica da escolarização.

Palavras-chave: Alfabetização. Ensino Remoto Emergencial. Pós-pandemia.

ABSTRACT

With the arrival of Covid-19 pandemic and the need for social isolation in order to avoid an accelerated spread of the disease, the so-called Remote Emergency Teaching (RET) was adopted. This paper highlights aspects of the post pandemic moment that we are now experiencing in the school context, mainly in what concerns literacy. The main purpose of this study was to analyze the impacts caused by the Remote Emergency Teaching (RET) in the literacy of children from the initial years of Elementary School during the post pandemic period, and challenges met by literacy teachers to offer the necessary conditions for the acquisition of reading and writing competences in the post pandemic period. The methodology used was based on educational, qualitative and exploratory research from a structured interview made with two teachers from different cities from Paraíba State. To base our reflections, we have used authors like Soares (2009), Rego (2006), Mortatti (2006), Mainardes (2021), Paulo Freire (2020), Menezes (2019), Pereira (2022), among others, which punctuate difficulties related to the post pandemic teaching; continuing education; the use of educational technologies; ludic methodology; interaction between school and

^{1*} Graduanda em Pedagogia pela Universidade Estadual da Paraíba.

family, and literacy projects. The present study enhances reflections about the theme and ways of doing and knowing such a specific phase of schooling.

Keywords: Literacy. Emergency Remote Teaching. Post pandemic.

1 INTRODUÇÃO

Entre os anos letivos de 2020 e 2021, a pandemia causada pela COVID-19 provocou vários impactos na sociedade brasileira, estes, relacionados à nossa vida rotineira. Desse modo, a educação nacional foi largamente afetada; as portas das instituições que eram abertas para docentes, discentes e comunidades se fecharam em razão da quarentena, a fim de reduzir o contágio.

Com vistas a diminuir os impactos causados, foi adotado o ensino remoto denominado como “Ensino Remoto Emergencial (ERE)”, consistindo em uma oportunidade desafiadora tanto para as escolas particulares quanto públicas, uma vez que ambas estavam passando por dificuldades e se questionando sobre como seriam tais aulas, principalmente para o público da Educação Infantil.

O Conselho Nacional de Educação e o Conselho Pleno, no parecer nº 5/2020 (BRASIL, 2020), expuseram poucas indicações em relação ao ensino não presencial para a etapa do ensino fundamental I (fase formal de alfabetização), embora tenham proporcionado a distribuição de vídeos educativos por meio de plataformas *online*, além de atividades *online* síncronas² e assíncronas³.

Isto posto, propomos que as pesquisas nascidas nesta ambientação resultem em um artigo científico que tem como plano de fundo as indagações norteadoras que se converteram em objetivos de estudo. Nesse ínterim, o objetivo geral da presente pesquisa resultou na seguinte pergunta: “Quais os impactos causados pelo Ensino Remoto Emergencial (ERE) na alfabetização de crianças dos anos iniciais do Ensino Fundamental durante o período pós-pandemia?” Os objetivos específicos foram: (1) verificar como se deu o processo do retorno para as atividades de alfabetização no contexto presencial; (2) averiguar as dificuldades que as professoras estão enfrentando em relação a alfabetizar em sala de aula; e, (3) identificar a existência de projetos que viabilizem a alfabetização.

A ação de alfabetizar está constantemente presente em nossas vidas e, como educadores e aprendizes, nos preocupamos com a metodologia aplicada na educação infantil, pois esta é a base para que as crianças se tornem autônomas e colham os frutos da geração de maior conhecimento; bem como se faz necessário que os mestres que atuam nesta área busquem constantes formações e se aprofundem nos estudos de campo, tornando-se agentes facilitadores e transformadores do aprendizado.

Tendo em mente a contextualização até o momento apresentada, dividimos o presente trabalho nas seguintes seções: breve introdução, na qual apresentamos e justificamos nossa pesquisa; desenvolvimento teórico, em que discutimos os tópicos sobre alfabetização, seu histórico em nosso país, as dificuldades que vieram à tona com a pandemia, a retomada das atividades escolares presenciais; seguidas de

² É a modalidade em que o professor transmitirá ao vivo sua aula, através de sua plataforma virtual escolhida (Ex: Zoom, Google Meet, etc.).

³ É o conteúdo disponibilizado dentro da plataforma AVA (Ambiente Virtual de Aprendizagem), onde o professor disponibilizará o material (tarefas, questionários, textos, vídeos, links, etc.) referente à sua matéria.

nossas breves considerações finais, bem como os referenciais bibliográficos utilizados e apêndices.

1.1 METODOLOGIA

Segundo o autor Soares Pereira (2016, p. 67), a Metodologia Científica define a pesquisa qualitativa como segue: “Os métodos qualitativos são aqueles nos quais é importante a interpretação por parte do pesquisador com suas opiniões sobre o fenômeno em estudo” e a pesquisa em educação tem essas características, além de utilizar o método indutivo. De acordo com Soares Pereira (2016, pág. 27) é o método que considera o conhecimento como baseado na experiência; a generalização deriva de observações de casos da realidade concreta e são desenvolvidas conclusões a partir de constatações particulares.

Com isso resultou em uma pesquisa de campo que, segundo Gil (2002, p. 53) é desenvolvida por meio da observação direta das atividades do grupo estudado e de entrevistas com informantes para captar suas explicações e interpretações do que ocorre no grupo. Assim, a presente pesquisa é apresentada como um estudo de caso, fazendo recortes por meio da abordagem qualitativa de natureza exploratória que, de acordo com Severino (2013, p. 76), tem como objetivo “levantar informações sobre um determinado objeto, delimitando assim um campo de trabalho, mapeando as condições de manifestação desse objeto”.

Diante disso, esse estudo tem a finalidade de averiguar as informações que foram adquiridas através da técnica de pesquisa de entrevistas, que foram feitas através do aplicativo Google Formulário, com professoras de dois municípios paraibanos: Professora (A), que reside na cidade de Guarabira e Professora (B), que reside em Bananeiras, ambas trabalhando no contexto pandemia e pós-pandemia. Um dos motivos para a escolha de docentes em municípios diferentes foi a falta de compromisso de profissionais da cidade de Guarabira em entregar as respostas. Dessa forma, buscamos meios para finalizar os formulários e optamos por um estudo comparativo entre essas profissionais, que responderam de forma sucinta.

2 O QUE É ALFABETIZAÇÃO?

A alfabetização é uma fase fundamental para o desenvolvimento intelectual e cognitivo de todos os indivíduos, durante a qual somos instruídos para adentrar no mundo letrado, pois é nele que aprendemos a ler e escrever. Esta trata-se, também, de uma etapa do ensino que faz parte da Educação básica, acontecendo no primeiro e segundo ano dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

Segundo Soares (2009, p. 31), “a palavra está definida da seguinte forma: Alfabetizar é ensinar a ler, escrever e Alfabetização é ação de alfabetizar, de tornar alfabeto”. Dessa forma, “alfabetizar é tornar o discente apto a ler e escrever, contendo diferentes tipos de habilidades na aquisição desse processo”. Além disso, há uma elaboração de conhecimentos e habilidades que se referem à decodificação e codificação da leitura e escrita, a serem constituídas ao longo do processo da alfabetização, no qual perpassam os grafemas e fonemas do alfabeto.

A esfera semântica da palavra ‘alfabetizar’ engloba outras palavras, tais como: analfabetismo e analfabeto, que Soares (2009, p. 30) designa da seguinte forma:

Analfabeto é aquele que é privado do alfabeto, a quem falta o alfabeto, ou seja, aquele que não conhece o alfabeto, que não sabe ler e escrever. (Ao pé da letra, significa aquele que não sabe nem o alfa, nem o beta - alfa e beta são as primeiras letras do alfabeto grego; em outras palavras, aquele que não sabe o bê-a-bá). Em **analfabetismo** aparece o sufixo -ismo: a palavra significa um modo de proceder como analfabeto, ou seja: analfabetismo é um estado, uma condição, o modo de proceder daquele que é analfabeto.

A partir disso, nortear os conceitos estabelecidos sobre a alfabetização, analfabetismo e ser analfabeto é ter conhecimento dos seus significados. Por conseguinte, no momento em que surgir um fenômeno relacionado com a prática da Alfabetização, o profissional estudioso da área estará por dentro de suas origens e familiarizado com as concepções que o guiam, o que engloba práticas contínuas.

Com isso, partimos para a formação dos profissionais com vistas a desenvolverem uma boa qualidade de ensino-aprendizagem para as crianças. Como Rojo (1998, p. 38) cita: “As crianças adoram aprender e, se damos chances a elas, aprenderão seja o que for”; e Mortatti (2006, p. 3):

(...) os processos de ensinar e de aprender a leitura e a escrita na fase inicial de escolarização de crianças se apresentam como um momento de passagem para um mundo novo — para o Estado e para o cidadão —: o mundo público da cultura letrada, que instaura novas formas de relação dos sujeitos entre si, com a natureza, com a história e com o próprio Estado; um mundo novo que instaura, enfim, novos modos e conteúdos de pensar, sentir, querer e agir.

Dessa forma, é importante para o professor ter consciência de que os caminhos para o processo de alfabetização são árduos para uma criança. Porém, é libertador serem autônomas em relação ao próprio conhecimento, considerando o papel da mediação docente nesse processo; no entanto, nem sempre estarão com motivação para aprender os sons das palavras, a escrita e, por fim, atingir seu significado. Com isso, apontamos Rojo (1998, p. 38) quando diz que:

Um bom trabalho de alfabetização precisa levar em conta o processo de ensino e de aprendizagem de maneira equilibrada e adequada. O professor tem uma tarefa a realizar em sala de aula e não pode ser um mero expectador do que faz o aluno ou um simples facilitador do processo de aprendizagem, apenas passando tarefas. Cabe a ele ensinar também e, assim, ajudar cada aluno a dar um passo adiante e progredir na construção de seus conhecimentos.

Portanto, ao se tratar da mediação da construção do conhecimento do educador(a) para o aluno, é fundamental deixar que o aprendiz use a sua criatividade, crescendo sem medo, livre para a construção dos seus próprios conhecimentos, como dizem Ferreira, Gracia Ferreira e Zen (2020, p. 193) ao comentar que “Temos uma imagem empobrecida da criança que aprende: reduzimo-la a um par de olhos, um par de ouvidos, uma mão que pega um instrumento para marcar e um aparelho fonador que emite sons”. Por consequência disso, orientá-los e contribuir para o crescimento dos discentes é tornar o verdadeiro papel dos professores visível aos olhos deles, os estudantes, como também aos nossos, enquanto educadores.

2.1 Uma breve contextualização da história da alfabetização no Brasil

No ano de 1549, durante o período colonial, a educação do povo brasileiro tinha uma forte influência do cristianismo; sendo, então, ministrada por padres jesuítas. Dessa forma, os índios eram obrigados a aprender os preceitos e morais da cultura portuguesa, sem questionar o porquê de sua cultura nativa ter se tornado inválida. (FREINET, 1997)

Segundo Freire (*apud* PIERRE, 2009, p. 13), chamamos esse tipo de educação de impositiva, sendo também conhecida como educação bancária. Conforme o autor, o termo significa que: “o adulto/professor vai fazendo depósitos de conteúdos nas cabeças dos alunos – acreditando-se que isto é possível.” Ou seja, era exigido das igrejas católicas que os padres jesuítas educassem os índios de tal maneira que eles recebessem a educação que os portugueses tinham.

Durante a década de 1808, o controle da educação, que era mantido pelos jesuítas, passou a tornar-se do Estado (MONTEIRO, 2015). Sendo assim, foram surgindo novas metodologias de ensino, uma das quais ficou conhecida como metodologia sintética. Magalhães (2015) e Mortatti (2006, p. 6) denominam a **marcha sintética**⁴ como um dos primeiros métodos presentes nas cartilhas brasileiras, fazendo parte do grupo de métodos que partem de unidades menores da língua para partes maiores (grifo nosso). Este é um método cujo objetivo é distinguir os sons de cada letra para que, quando a criança verbalize, se torne capaz de distinguir os sons da palavra que está sendo falada, como também a sua escrita, ao ouvir, poder reconhecer os sons e conseguir escrevê-la.

No ano de 1890, tais conceitos foram sendo aprimorados, bem como novos métodos foram surgindo. A sociedade foi apresentada a novos horizontes, passando a considerar a valorização da leitura e escrita no mundo. Conforme Magalhães (2015, s.p.) e Mortatti (2006) o método analítico (global) ficou conhecido por:

Os métodos globais são classificados em: de palavração, de sentençação, de historietas e de contos. Como o próprio nome indica, o método da palavração toma como unidade inicial as palavras, que são memorizadas por meio de repetitiva visualização. Só depois a atenção é dirigida às sílabas, letras e sons.

Este método costuma partir da totalidade de uma palavra, sendo nela envolvidas várias formas de representação que, gradualmente, a criança vai assimilando. Logo, aquela palavra passa a fazer parte de vários momentos do seu cotidiano.

Como todos os indivíduos estão sujeitos a mudanças diariamente, com a educação não foi diferente. Durante o processo de aplicação dos novos métodos, muitos tutores os utilizavam de maneira mesclada. Analisando os seus conceitos é possível notar que uma metodologia só surgiu porque, necessariamente, outra já existia. Segundo Amorim (2019, s.p.):

No entanto, uma das mudanças mais fortes foi que a pedagogia ficou cada vez mais dependente dos aspectos psicológicos (“para quem ensinamos”). Esse **embate entre os diferentes métodos**, a mistura entre “antigo e novo” e a sensação de fragilidade são questões importantes que podem ter influência nos níveis atuais de desempenho dos alunos.

⁴ Em relação ao método global, Cealle (2005) e Mortatti (2006) tem o mesmo conceito, porém a Nomenclatura é diferente: um nomeia como métodos globais e o outro chama de marcha sintética.

Isto é, falando simplesmente, compreender que estamos alfabetizando não apenas para dominar a leitura e a escrita e, sim, para a construção da leitura de mundo, que envolve aspectos psicológicos e socioculturais. A mistura de métodos, comentada por Amorim (2019), faz com que pensemos não haver apenas um método eficaz e abrangente para todos os docentes; mas nos leva a indagar: qual é o método que propicia ao aluno maior a absorção de saberes? Segundo Rego (2006), não existe apenas um método eficaz, pois cada um tem suas particularidades específicas, o que também é verdade sobre as crianças.

De acordo com Mortatti (2006), neste momento da década 1910 criou-se o termo “alfabetização”, que considerava paralelamente o ensino de escrita e leitura. Em meados de 1920, os professores viveram o início da aversão aos métodos analíticos, que o Estado votou como obrigatórios. Nesse período, também, passaram a aderir aos métodos mesclados e a uma nova práxis chamada “ABC”, com o intuito de verificar a capacidade do docente. (AMORIM, 2019)

O período de 1980 foi considerado a última fase, relacionada aos preceitos do construtivismo do psicólogo Jean Piaget. A essa altura, surgiu um fenômeno chamado “Letramento”⁵, que faz parte da Alfabetização. Portanto, alfabetizar é conhecer suas histórias, seus métodos, conseguir discernir cada etapa da alfabetização das crianças.

Mas, afinal, será que todos esses métodos conseguiram acompanhar o crescimento da sociedade no que diz respeito à Alfabetização, apesar de todos os efeitos e paradigmas que vem ocorrendo? Segundo Soares (2009), a ausência de um método estruturado ainda está presente em nossas escolas, concluindo-se que este pode ser um dos fatores que desencadeou a falta do desenvolvimento da leitura e escrita nas instituições.

Já em 1990, o Brasil conseguiu ter um número maior de crianças matriculadas na escola. Devido a esse crescimento, criaram-se maiores expectativas sobre o sistema educacional brasileiro, assim como em relação ao “novo” mundo digital e globalizado (AMORIM, 2019). Porém, como podemos criar expectativas sem falar da formação dos professores?

Segundo Amorim (2019, s.p.), a primeira escola voltada para a formação de professores foi fundada em 1684 e era dividida em dois enfoques:

De um lado, um **modelo mais conteudista**, que dá preferência à bagagem cultural do(a) futuro educador(a) e aos conhecimentos específicos da disciplina que escolheu (português, matemática, ciências, etc.). De outro lado, existe um **modelo pedagógico**, que valoriza as estratégias de ensino em si. As universidades brasileiras, no decorrer da história, focaram mais no conteúdo e deixaram em segundo plano o “como ensinar”.

Percebemos, pela exposição do autor, que se tratava de uma formação voltada totalmente para o tutor e o enfoque central não era o ‘como lecionar’. No entanto, como os docentes iriam adquirir conhecimentos em formação sem acesso a modelos de prática pedagógica já utilizados no ambiente escolar? Apesar de entender que a educação está em constante mudança, não podemos esquecer-nos

⁵ Letramento é a palavra recém-chegada ao vocabulário da Educação e das Ciências Linguísticas: é na segunda metade dos anos 80, há cerca de apenas dez anos, portanto, que ela surge no discurso dos especialistas dessas áreas (SOARES, 2009, p. 15). Letramento é, pois, o resultado da ação de ensinar ou aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita. (SOARES, 2009, p. 18).

da importância do profissional ter contato com a sala de aula antes mesmo de começar a exercer oficialmente seu papel como educador.

Outro fator que marcou a história da alfabetização em relação aos materiais, durante o período de 1890, ficou conhecido pelo nome 'cartilha' que, vista como um livro didático, é um meio de suporte para o alfabetizador na orientação da aula. Contudo, passaram os anos; atualmente trabalhamos com outros recursos, os quais chamamos Livro Didático (LD); porém, estes são, na atualidade, baseados nas diretrizes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

2.2 Alfabetização na pandemia da Covid-19

No finalzinho de dezembro do ano de 2019 surgiu uma nova doença, causada pelo coronavírus, conforme registros da Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS). O mundo passou por um período conturbado, o qual ficou mundialmente conhecido como pandemia da Covid-19. A doença se propagou para os países e chegou ao Brasil.

No Brasil, desde março de 2020, temos convivido com as notícias diárias do número de mortos, dos esforços dos profissionais da saúde, da luta de pesquisadores para criar a vacina, do fechamento das escolas, dos decretos com restrições de funcionamento do comércio. Além disso, o impacto negativo na economia, no aumento do desemprego e agravamento da desigualdade social. (MAINARDES, 2021, p. 57).

Isso tudo ocorreu de forma rápida e, como solução para que a doença não se espalhasse para todos de forma ainda mais descontrolada, as escolas, assim como a maioria dos estabelecimentos comerciais considerados não essenciais tiveram seu funcionamento suspenso por período indeterminado. Não existiam mais aulas dentro dos muros escolares; as aulas passaram a ser em casa, contando com a utilização de recursos tecnológicos para serem ministradas. Desse modo, o

Ensino Remoto Emergencial (ERE) foi a alternativa proposta pelos sistemas de ensino e tomou feições diferenciadas em cada rede de ensino. Muitos alunos não tiveram acesso pleno ao ERE em virtude de não terem acesso à internet ou mesmo uma TV, ou energia elétrica em casa. Para muitos alunos, o acesso aos conteúdos escolares ocorreu por meio de material impresso retirado e devolvido nas escolas. (MAINARDES, 2021, p. 57).

Com o intuito de preencher as lacunas educacionais que a pandemia estava deixando, buscaram-se propostas pedagógicas viáveis para os alunos de baixa renda, inclusive considerando a qualidade do ensino que estava sendo ofertado naquele momento específico. Uma das propostas pedagógicas incluía o campo da Alfabetização das crianças; é possível que este tenha sido um dos maiores desafios que os educadores têm enfrentado.

Para a realização do compromisso do profissional da educação é preciso levar em conta a existência de inúmeras dificuldades, tais como o uso das tecnologias para o campo de atuação na alfabetização e a escassez de recursos comum entre as camadas mais pobres. Segundo dados de pesquisa do Instituto Datasenado (CHAGAS, 2020) sobre a educação na pandemia, divulgada no dia 12 de agosto, entre os quase 56 milhões de alunos matriculados na educação básica e superior no Brasil, 35% (19,5 milhões) tiveram as aulas suspensas devido à pandemia da Covid-19, enquanto 58% (32,4 milhões) passaram a ter aulas remotas.

Na rede pública, 26% dos alunos que estão tendo aulas *online* não possuem acesso à internet.

Com isso, durante o período de isolamento houve uma demanda maior pelo uso das tecnologias, uma vez que estas constituíam o único recurso disponível para manter contato com as pessoas, e não apenas os patrões, funcionários e empreendedores passaram a aplicar recursos midiáticos para o trabalho, como a instituição escolar optou por fazer uso destas possibilidades. (MAINARDES, 2021). Contudo, fornecer acesso à comunidade escolar para que as crianças possam se conectar à internet é o primeiro passo a ser dado. Faz-se necessário, também, analisar que a transposição didática da alfabetização de maneira presencial, a qual já conta com seus desafios e dificuldades, para o âmbito virtual de ensino remoto exige que os professores passem por cursos de capacitação para aprender a utilizar os recursos midiáticos para atender, da forma mais eficiente possível, a demanda criada pela situação que estávamos presenciando.

Durante essa fase turbulenta, com a saúde mental bastante afetada, a autora aponta que:

No final do ano, os docentes, os alunos, as famílias estavam exauridos desse processo. Os resultados variam de um contexto para outro. E nunca o ensino presencial, a escola, a interação professor-alunos foi tão valorizada. Descobrimos, a duras penas, que nada substitui o trabalho presencial, a aula, o recreio, a convivência, a troca, o diálogo. (MAINARDES, 2021, p. 57)

É aqui que percebemos a importância da relação professor-aluno, de uma escola funcionando de forma presencial, do convívio social com os colegas em sala de aula, do corpo docente, do vínculo com os familiares, ou seja, da comunidade em sua totalidade; além de não esquecer da troca de experiências tanto com os profissionais quanto com os familiares. Conforme afirma Paulo Freire (2020, p. 20), “Ensinar exige bom senso”.

2.3 Possibilidades de facilitação do processo de alfabetização

A língua materna dos brasileiros deveria ser Tupi, (MOREIRA, 2005) pois esta é a língua dos indígenas, que era pouco conhecida e não dispunha de ninguém que a ensinasse. Os portugueses, ao chegarem ao Brasil, mudaram nossa linguagem e cultura que, de outra forma, seriam herdadas dos povos originais a habitarem o território. Desse modo, a Língua Portuguesa se tornou nosso idioma. Atualmente sabemos das diferenças existentes entre o “português de Portugal e o português brasileiro” e falar um pouco sobre as origens das línguas nos ajuda a pensar sobre as perspectivas de simplificação do processo da alfabetização.

De acordo com Rego (2006, p. 1), “ao longo dos anos a alfabetização escolar tem sido o alvo de inúmeras controvérsias teóricas e metodológicas”, pois a existência de dois métodos denominados sintéticos e analíticos ocasionou “no Brasil discussão acerca da eficácia dos métodos de alfabetização.”

No entanto, os elementos do fracasso escolar estão relacionados, de acordo com Cunha e Coimbra (1981 *apud* CARRAHER e SCHLIEMANN, 1983) a diversas análises dos problemas da escola brasileira em seu nível elementar, conforme citado pelos autores, que apontam causas de natureza econômica, social e cultural para o fracasso seletivo das camadas pobres da população (p. 4). Observa-se que crianças de famílias com baixa renda tendem a sair da escola cedo, um dos motivos que

ocasionam os fracassos escolares e, com a pandemia, não foi diferente. A falta de recursos e preparação dos profissionais para essa casualidade foi notável e, quando voltaram a lecionar presencialmente, perceberam a escassez da aprendizagem das crianças.

Em contrapartida, Rego (2006) ressalta que, para a prevenção destes fracassos escolares, já existiam premissas baseadas, sobretudo, no quesito das habilidades e competências da discriminação visual, linguagem oral e na questão grafo-fônica das letras do alfabeto. Em termos de tecnologias digitais, expressamos, em consonância com Menezes, Couto e Souza (2019, p. 23) que:

Vivemos numa sociedade que não se cansa de inventar aparatos tecnológicos cada vez mais modernos e potentes para a comunicação, tendo em vista que: “Na era digital, estamos rodeados, na verdade, imersos, em tecnologia” (BATES, 2016, p. 55). Hoje em dia, é bastante comum vermos crianças, jovens, adultos e idosos manuseando dispositivos móveis como smartphones, notebook e tablet nos diversos locais em que transitam.

Com isso, os profissionais já deveriam estar familiarizados com recursos tecnológicos, pois os utilizam no dia a dia. No entanto, o fazemos apenas para nos comunicar e resolver assuntos burocráticos; não paramos para analisar que podemos aplicar a tecnologia como um recurso pedagógico.

A partir da década de 1980 a alfabetização passou por novos questionamentos; como podemos confirmar pela referência feita por Goodman e Smith (1967, 1971 *apud* REGO, 2006) a um método baseado na área da psicologia cognitiva e da psicolinguística, chamado de construtivista, respaldado em preceitos relacionados ao letramento, introduzindo a ótica destes autores de que ler e escrever são “atividades comunicativas.”

Desse modo, a leitura tem como base a escrita e a escrita tem como base a leitura, pois ambas dependem uma da outra; não são campos divergentes e sim congruentes. Assim, para que os alunos possam acessar o significado e o significante do conteúdo pragmático e estabelecido naquele contexto social e cultural, como educadores, devemos analisar os métodos que obtiveram eficiência em seus resultados.

Segundo Wells (1986 *apud* REGO, 2006), os estudos realizados em relação à diferença e características da linguagem oral e escrita confirmaram suas ideias, pesquisas essas de um estudo longitudinal realizado em Bristol e que mostraram de modo dilacerante a importância das experiências com a leitura de histórias para crianças em idade pré-escolar, bem como da interação das crianças com a leitura e a escrita. (REGO, 2006, p. 2)

Adquirir habilidades e competências em associação à escrita e ao fonema apresenta diversas contradições. Alguns pesquisadores, como Carraher e Rego (1980; 1984 *apud* REGO, 2006) e Cardoso-Martins (1990 *apud* REGO, 2006) afirmam que a capacidade do sujeito está baseada em raciocinar sobre os fonemas e o quanto foi apresentado ao aprendiz o sistema de escrita alfabética; outros, como Bradley e Bryant (1987 *apud* REGO, 2006) e Goswami e Bryant (1990 *apud* REGO, 2006) acreditam que o fonema resulta da capacidade intelectual, que pode ser esclarecida mediante o ensino explícito sobre as unidades, traduzindo-se na capacidade de segmentar e categorizar.

Contudo, em sua exposição, a autora Rego (2006) faz a seguinte análise da realidade de escolas públicas, nas quais crianças não têm acesso ao material escolar ou livros que possam ler e relacionar com algum conhecimento específico e

abordar no seu contexto sociocultural e, por sua vez, seus pais também não sabem ler ou escrever. Entretanto, profissionais com pouco acesso a recursos devem buscar meios para aprimorar o uso de práticas de leitura e escrita na sala de aula.

Durante o período da pandemia utilizamos o recurso tecnológico para nos comunicar com familiares e amigos e este se tornou uma ferramenta importante para o educador que proporcionou oportunidades para lecionar e atingir os resultados propostos pelo Ministério da Educação (MEC); porém, vivemos em uma sociedade com diferentes níveis sociais, nem todos tinham aparelhos eletrônicos para acompanhar as aulas remotas.

Desse modo, devido à escassez dos recursos tecnológicos, os educadores buscaram diferentes métodos para abordar o processo de alfabetização da criança. Além disso, o momento fez com que repensássemos acerca da dimensão dos métodos, e um dos quais vem ganhando espaço no mundo das crianças é o aprender de maneira lúdica, utilizando recursos que agucem a curiosidade epistemológica do aprendiz. Desse modo, concordamos com Freire, citado por Marafon (2013 *apud* PEREIRA e FERREIRA, 2022, p. 50) ao dizer:

Entendemos que o brincar faz parte da formação da criança e os jogos e brincadeiras são importantes aliados no processo de alfabetização. Além disso, quando a criança brinca, se expressa e conhece o mundo, outro fator primordial durante esse período. Tendo em vista que, aprender a ler e escrever é também aprender a ler o mundo, compreender-se como sujeito social partindo da linguagem.

Desse modo, a metodologia lúdica busca proporcionar momentos de muita diversão e aprendizado, com foco no objetivo da aula do professor e não apenas visando a proporcionar a 'decoreba' de determinado código do alfabeto, logo proporcionando habilidades e competências relacionadas ao outro processo que também faz parte da Alfabetização do docente, o Letramento.

Com isso, a tecnologia ganhou espaço durante o período da pandemia, como também inquietou o professor no período pós-pandêmico, pois as crianças não voltaram à sala de aula da mesma maneira que saíram. Toda rotina tinha mudado, e o que professor, como bom planejador, deve ter se questionado é: Como vou Alfabetizar os meus alunos(as)?

[...] A alfabetização inicial é considerada em função da relação entre o método utilizado e o estado de "maturidade" ou de "prontidão" da criança. Os dois pólos do processo de aprendizagem, quem ensina e quem aprende, tem sido caracterizados sem que se leve em conta o terceiro elemento da relação, a natureza do objeto de conhecimento envolvendo esta aprendizagem e de que maneira este objeto de conhecimento intervêm no processo, não como uma tríade: temos, por um lado, o sistema de representação alfabética da linguagem, com suas características específicas, por outro lado, as concepções que tanto os que aprendem (as crianças) como os que ensinam (professores) têm sobre este objeto. (FERREIRO, 2001, p. 9).

Portanto, podemos afirmar que, na diversidade dos métodos existentes, a metodologia Lúdica está apresentando resultados positivos para as crianças na fase da leitura e escrita, visto que é um processo que deixa a criança livre para aprender determinado código do alfabeto, porém sem esquecer da supervisão pedagógica, pois sempre há intuição pedagógica no brincar. A educação só tem a ganhar com essa nova técnica de apresentar letras e números através de jogos e brincadeiras,

viabilizando e expandindo o modo de ensinar e aprender, assim como o infante se desenvolve espontaneamente, e lapidando o seu processo cognitivo, coordenação motora, bem como a socialização.

3 O PROCESSO DE RETORNO PARA AS ATIVIDADES DE ALFABETIZAÇÃO NO CONTEXTO PRESENCIAL

A alfabetização não é um processo fácil, principalmente para os educadores, pois são os responsáveis pela escolha da sua metodologia e didática e como vai abordar a continuação do que já vinha sendo trabalhado a partir dos conhecimentos de outros tutores. Desse modo, com o recém ocorrido período da pandemia, as aulas no formato presencial foram suspensas, como também as observações e registros dos alunos, que ocorriam em sala de aula e foram designados para outro ambiente, a residência dos estudantes, além dos registros das atividades levadas para casa e entregues aos professores.

Quando se trata do período da pandemia, as aulas ficaram dependentes de atividades impressas, devido à escassez de meios tecnológicos tanto no âmbito escolar quanto no contexto estudantil. Segundo Luiz (2020, p. 31),

Os professores afirmaram que 40% dos alunos estão tendo acesso às aulas não presenciais durante a pandemia somente através de atividades impressas que os pais retiram na escola para serem feitas em seus domicílios. Semanalmente são feitas as devoluções destas atividades, conforme consta no Plano estratégico da escola, sendo para esses o único meio utilizado.

Percebe-se que essa porcentagem de alunos não conseguiu ter uma participação tão ativa quanto o grupo dos 60%. Segundo Luiz (2020), nota-se que, no presente momento, com a volta do período pós-pandêmico, as dificuldades de aprendizagens passariam a ser evidenciadas em sala de aula. Nesse contexto, trazemos uma das perguntas feitas para as professoras em relação aos métodos utilizados com a volta desses discentes.

Pergunta: Quais métodos você já utilizou para alfabetizar seus alunos, neste período pós- pandemia?

Professora (A): Método fônico⁶, palavras geradoras, atividades lúdicas envolvendo as famílias silábicas, palavras e frases, texto fatiado...

Professora (B): Uns dos métodos que tenho mais utilizado são: os jogos e brincadeiras para assim despertar um pouco mais da aprendizagem dos alunos, que não está fácil pós pandemia.

Podemos analisar, através da resposta da professora (A), a importância de trabalhar o Método Fônico como parte da realidade das crianças, porém ressaltamos que as palavras geradoras, também denominadas de Método Freireano, não

⁶ Segundo o Glossário da Ceale: O *método fônico ou fonético* integra o conjunto dos métodos sintéticos que privilegiam as correspondências grafofônicas. Seu princípio organizativo é a ênfase na relação direta entre fonema e grafema, ou seja, entre o som da fala e a escrita. Neste método o ensino se inicia pela forma e pelo som das vogais, seguidas pelas consoantes. Cada letra (grafema) é aprendida como um som (fonema) que, junto a outros fonemas, pode formar sílabas e palavras. Para o ensino dos sons, há uma sequência que deve ser respeitada — dos mais simples para os mais complexos.

funcionam com os pequenos, pois somos os espelhos e moldamos os discentes apresentando novas palavras, formas de usar a leitura e escrita em diferentes meios da sociedade e não partindo da realidade do sujeito.

Em relação à metodologia Lúdica na alfabetização, que as duas professoras abordam, supomos que (A) utilize de forma breve, devido a ter citado uma diversidade de métodos (B) busquem despertar a curiosidade da criança, motivando por meio de jogos e brincadeiras. Além disso, segundo Friedmann (2012, p. 51 *apud* DE CARVALHO, 2019, p. 13), “O jogo enriquece o trabalho pedagógico do professor, permite ao aluno um maior contato com seus colegas, aguça a curiosidade, além de proporcionar fantasias e experiências entre eles.” Consoante ao autor, o educador precisa ser criativo e flexível para propor diferentes atividades, à medida que vai conhecendo melhor as crianças.

Na brincadeira, o jogo contém momentos desafiadores, o que se torna um recurso fundamental para despertar o interesse dos docentes, construindo momentos geradores de aprendizagens criativas e únicas, que podem fazer parte do processo da aquisição da leitura e escrita. Como recurso, cabe aos professores oferecer meios para essa construção de saberes.

Portanto, analisar os comportamentos dos alunos é um papel que o educador não deve deixar de lado, pois é a partir de tais análises que podemos melhorar a ação de alfabetizar, como também buscar sempre estar em constante formação. Logo, se o mundo e as pessoas que nele vivem mudam constantemente, as crianças também mudam.

3.1 As dificuldades enfrentadas pelas professoras alfabetizadoras em sala de aula

Após o período remoto, muitos docentes se questionaram sobre como seria a volta dos discentes à sala de aula, pois analisaram a escassez do ensino ao longo da vigência das aulas remotas. Foram feitas avaliações diagnósticas, processo que engloba reflexões, análises e soluções cabíveis. Frente aos desafios encontrados durante essa etapa avá, de acordo com Santos e Arantes (2016):

A avaliação da aprendizagem precisa estar presente no cotidiano, precisamos compreender o porquê de sua utilização e sua importância, para novamente não cairmos em senso comum. Avaliar a aprendizagem implica em coletar, analisar e sintetizar os dados encontrados e posteriormente compará-los com um determinado padrão. (SANTOS E ARANTES, 2016, p. 112).

Com isso, podemos afirmar que o profissional, além de averiguar e classificar cada dado, também tem que considerar as realidades de cada criança, pois cada uma tem suas peculiaridades, uma das quais é o seio familiar, sendo notável a ausência dos pais no suporte escolar. Desse modo, foi formulada a seguinte pergunta para as profissionais: O que você considera importante para alfabetizar os alunos?

Professora (A): A união escola e família é muito importante no processo de alfabetização do aluno.

Professora (B): Um dos primeiros pontos é a participação da família dando apoio, os alunos participando como um todo e a prática de métodos adequados.

Percebe-se nas falas das professoras a ênfase sobre a relevância da comunidade escolar, que esta esteja de mãos dadas com a família, sempre em busca do eficiente funcionamento da escola, pois são o espelho da aprendizagem dos alunos. Segundo De Araújo Firman, Santana e Ramos (2015, p. 124):

Os pais que acompanham a aprendizagem de seus filhos possibilitam melhor desenvolvimento das crianças, por isso é importante repensar, na educação escolar, as possibilidades que são oferecidas à participação dos pais nesse ambiente e quais mecanismos a escola utiliza para dialogar com os pais no sentido de que esses possam, em seus lares, exercerem posturas junto às crianças que tenham reflexos positivos para a consolidação da relação de ensino e aprendizagem escolar, significativos e de qualidade em termos de aprendizagens de competências e habilidades esperadas para o exercício da cidadania futura.

Assim como depende de uma direção e gestão totalmente centrada e eficaz no trabalho escolar, tendo essa parceria com a comunidade dos pais. Desse modo, uma escola organizada e administrada com competência é norteadada, entre outros aspectos, pela máxima de propiciar condições favoráveis às atividades de ensino-aprendizagem durante o período pós-remoto.

Com a exposição de recursos tecnológicos no decorrer do tempo da pandemia, observa-se que muitas crianças perderam a vontade de adquirir conhecimento, como também sua rotina se modificou; não acontecia mais todo o processo de se arrumar, preparar o lanche e ir ao ambiente chamado sala de aula. Com isso, podemos notar a mudança no dia a dia das crianças, que deve ter sido um momento de muitos "porquês" para os pais. Tendo isto em mente, indagamos às educadoras: Em relação ao ensino-aprendizagem das crianças pós-pandemia conte: Quais foram as dificuldades que enfrentaram com a volta das aulas presenciais?

Professora (A): Crianças indisciplinadas, que não tiveram acesso ao ensino remoto. Tive que lecionar como se estivesse na educação infantil.

Professora (B): Uma das maiores dificuldades é a falta de interesse por parte das crianças e também dos pais, sinto muita dificuldade nesse ponto.

Neste momento, os porquês que as crianças tanto direcionavam aos seus pais devido ao afastamento escolar, visto que não mantiveram as crianças motivadas e interessadas em uma rotina que fosse parecida com aquilo que acontece na escola, com horários definidos para atividades e dedicação ao estudo, devem ter sido repassados às professoras, pois as dificuldades que são comentadas durante suas falas são conectadas à importância de as crianças terem uma rotina escolar, assim como a necessidade da comunidade escolar estar em coparticipação com a família.

3.2 Projetos que viabilizam a alfabetização

Ao analisar esse período da Covid-19, entendemos que ela deixou cicatrizes e memórias de superação dos desafios cotidianos, os quais ficarão gravados em adultos e crianças. Com isso, um desses registros foi de muita luta, foco, fé, grande companheirismo e confiança depositados em todos os profissionais, seja qual for sua área de atuação.

Ressaltamos o cuidado que os professores tiveram com seus alunos, a preocupação em querer fazer mudanças nesse contexto social. Além disso, já se

tinha conhecimento de que as crianças sofreriam por conta dessas transformações e a escola, como segunda casa, juntamente com os gestores, deve disponibilizar meios para desenvolver habilidades e competências da Alfabetização que não foram aprendidas nas primeiras tentativas de ensino. Assim, enfatizamos a seguinte pergunta: A escola teve projetos para auxiliar as crianças que não obtiveram os resultados almejados?

Professora (A): Sim.

Professora (B): Até então, a escola não tem projetos para auxiliar as crianças que não obtiveram um bom desempenho pós pandemia. Me refiro em projetos das turmas de alfabetização.

Partindo das respostas das entrevistadas, a professora (A) respondeu: sim; já a outra respondeu: não. Neste ponto, salientamos a importância de o corpo docente ir em busca da recuperação da aprendizagem e saberes dos docentes, umas das maneiras de atingir tais resultados é por meio de projetos que viabilizem a Alfabetização escolar. Assim, comentamos como Costa (2021, p. 19) que:

Ao elaborar o projeto deve-se buscar uma prática mais prazerosa, que proporcione aos alunos a possibilidade de aprenderem errando, acertando, pesquisando, investigando, construindo, refletindo, intervindo e trabalhando os conteúdos de maneira interdisciplinar.

Dessa maneira, o professor, juntamente com a equipe escolar, tem papel crucial para desenvolver projetos que proporcionem a leitura e escrita dos estudantes, partindo da ideia de que cada sujeito tem suas facilidades e dificuldades e traz em si marcas de sucessos e defasagens do processo educacional. Assim sendo, como educadores, precisamos nos esforçar para oferecer a melhor qualidade possível no processo de ensino aprendizagem para que as crianças, futuro da nação, tenham à disposição as ferramentas para se tornarem cidadãos capazes de pensamento crítico e, como consequência, protagonistas e autores de seu desenvolvimento histórico, social e educacional.

4 CONCLUSÃO

Considerando a pesquisa exposta anteriormente, chegamos a conclusão que a ação de alfabetizar durante o período da pandemia foi árdua para o corpo docente em relação às tomadas de decisões, principalmente para aqueles que estão direcionando o ensino-aprendizagem, visto que os impactos causados durante este tempo acarretarão no atraso da leitura e escrita das crianças.

Destacamos, também, o período de retomada de aulas presenciais no pós-pandemia, quando se fez necessária uma readaptação ao modelo novo, chamado híbrido. Desse modo, os desafios foram ficando cada vez maiores, com os professores sentindo-se cada vez mais incapazes, por isso a necessidade de investir, investigar, pesquisar e utilizar recursos facilitadores no processo de alfabetização.

Vale salientar, também, a importância da relação entre escola e família, associados aos recursos tecnológicos educacionais no processo de mediação do desenvolvimento da criança, que deve ser acompanhado pelos pais. Além disso, a criação de hábitos de leitura, por influência e exemplo familiar, fortalece o processo de ensino e aprendizagem.

É notório que os professores precisam estar em constante formação. Como dizia Freire (2020), "Ensinar Exige Pesquisa", pesquisas que direcionamos para os métodos, e nas quais identificamos bons resultados para o desenvolvimento geral dos educandos, como também ao uso de ferramentas tecnológicas pedagógicas. Além disso, faz-se necessária a reflexão crítica sobre a prática, como está sendo a mediação dos tutores, se buscam constante inovação para suas aulas e comprometimento de querer e fazer parte da mudança em prol de melhores adequações da realidade do sujeito.

O presente estudo, buscou, inicialmente, verificar as dificuldades no processo da retomada da Alfabetização de forma presencial através de entrevistas feitas pelo Google Formulário, e chegamos a conclusão de que algumas dificuldades mencionadas durante o processo da alfabetização são ainda persistentes em nosso meio social. Desta forma, concluímos que precisamos alavancar novos horizontes, com propostas de didáticas e metodologia que fazem a diferença na vida do aluno(a).

Enfatizamos, ainda, que é fundamental que o corpo docente esteja consciente da realidade de sua escola e invista em projetos escolares e formação continuada dos profissionais, em prol de conhecimentos eficientes e didáticas capazes de acompanhar o fenômeno educacional que se desenrola na atualidade. Portanto, a presente pesquisa é relevante para a comunidade acadêmica e escolar e abre espaço para estudos futuros.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Américo N. **Pedagogia, alfabetização e letramento nas escolas brasileiras, evolução histórica.** Educação Infantil, Ensino Fundamental, Pesquisas em educação- Abril/2019. Disponível em: <https://escribo.com/2019/04/05/alfabetizacao-e-letramento-no-brasil-evolucao-historica/> Acesso: 13/09/2022.

BRASIL. **Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Parecer CNE/CP 5, de 28 de abril de 2020. Reorganização do Calendário Escolar e da possibilidade de cômputo de atividades não presenciais para fins de cumprimento da carga horária mínima anual, em razão da Pandemia da COVID-19.** Brasília: DF, 2020a. D.O.U. de 01/06/2020, Seção 1, Pág. 32. 2020a. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=145011-pcp005-20&category_slug=marco-2020-pdf&Itemid=30192 Acesso em: 15 setembro, 2022.

CARRAHER, Terezinha Nunes; SCHLIEMANN, Ana Lúcia Dias. Fracasso escolar é uma questão social. Cadernos de pesquisa, n. 45, p. 3-19, 1983.

CHAGAS, Elisa. **DataSenado: quase 20 milhões de alunos deixaram de ter aulas durante pandemia.** Fonte: Agência Senado. 2020. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2020/08/12/datasenado-quase-20-milhoes-de-alunos-deixaram-de-ter-aulas-durante-pandemia>. Acesso: 15/10/22

COSTA, Tatiane Lúcia da et al. **Diálogos sobre a pedagogia de projetos na educação infantil**. 2021.

COSTA, Marcos Rogério Martins; GIMENES, Roseli. **Educação em tempos pandêmicos: Contextos, avanços e desafios**. Paco e Littera, 2022.

DE ALMEIDA, Layana Silva, DE AZEVEDO, Vitória Oscar, DE OLIVEIRA, Maria das Graças Borges. **Alfabetização e Letramento em diferentes ambientes de aprendizagem: a relevância da tecnologia na prática pedagógica**. Revista Tecnologias na Educação-ISSN: 1984-4751 – Ano 12 -Vol.34- Dezembro/2020.

DE ARAÚJO FIRMAN, Josiane Aparecida; SANTANA, Sylvia Caroline Russi; RAMOS, Marcos Lupércio. **A importância da família junto à escola no aprendizado formal das crianças**. In Colloquium Humanarum. ISSN 1809-8207. 2015.

Educação Infantil. História da alfabetização no Brasil - Educação infantil. 2019. Disponível em: <https://educacaoinfantil.aix.com.br/historia-da-alfabetizacao-no-brasil/> Acesso: 13/09/2022.

FERREIRA, L.G.; GRACIA FERREIRA, L.; ZEN. G.C. **Alfabetização em tempos de Pandemia: Perspectivas para o ensino da Língua Materna**. Fólio – Revista de Letras Vitória da Conquista v. 12, n. 2 jul./dez. 2020

FREINET, Céslestin. **Método Natural I: A Aprendizagem da Língua**. 2. ed. Lisboa: Estampa, 1977.

FREIRE. Paulo (1921-1997). **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. - 64° ed. -Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra,2020.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. -4. ed.-São Paulo: Atlas 2002.

LUIZ, Silvania Sousa Felipe. **Alfabetização na pandemia, realidades e desafios**. 2020.

MAGALHÃES, Naiara. Retrospectiva: **História dos métodos de alfabetização**. Ceale, Belo Horizonte, Letra A, 11 mai. 2015. Disponível em: <http://www.ceale.fae.ufmg.br/pages/view/retrospectiva-historia-dos-metodos-de-alfabetizacao-1.html>. Acesso em: 29 jan. 2020.

MAINARDES, Jefferson. **Alfabetização em tempos de pandemia**. CONSTANTE;(org.), 2021.

MENEZES, Karina Moreira, COUTO, Raqueline de Almeida, SOUZA, Sheila Carine **Alfabetização, letramento e tecnologias**. Salvador: UFBA, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências; Superintendência de Educação a Distância,2019.52 p. : il.

MOREIRA, Cristiano Martins. A Influência do Tupi na formação do Português do Brasil. Mesa Redonda, II CLUERJ, 2005.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. **História dos métodos de alfabetização no Brasil**. Seminário Alfabetização e Letramento em Debate, p. 1-16, 2006.

PEREIRA, Vera Lúcia Lima; FERREIRA, Bruna Milene. **Alfabetização e Letramento em uma perspectiva lúdica nos anos iniciais**. Educação e Cultura em Debate, v. 8, n. 2, p. 46-52, 2022.

PIERRE, Cláudia Maria Moura. **Educação positiva e impositiva**. 2009.pdf

REGO, Lúcia Lins Browne. Alfabetização e letramento: Refletindo sobre as atuais controvérsias. In: Conferência apresentada no Seminário Alfabetização e letramento em debate. Ministério da Educação, Brasília. 2006.

ROJO, Roxane. **Alfabetização e letramento: perspectivas linguísticas**. São Paulo: Mercado de Letras, 2005.

SANTOS, Mariane Cristine dos ARANTES, Adriana Rocha Vilela. **Conhecendo sobre avaliação da aprendizagem: História, concepções e tradições pedagógicas**. Revista do Magistro de Filosofia ISSN 808-0626- De Magistro de Filosofia, Ano IX - no. 18. 2016. P-106-118.

SEVERINO, Antônio Joaquim. Metodologia do trabalho científico. ed. -- São Paulo: Cortez, 2013.

SILVA, M. do C. Novas perspectivas para o processo de alfabetização: reflexões a partir das contribuições recentes de Magda Soares e do Projeto Alfalettrar. Práxis Educativa, Ponta Grossa, v. 13, n. 3, p. 894-927, set./dez. 2018. DOI: <https://doi.org/10.5212/PraxEduc.v.13i3.0015>

SILVA, M. C.; OLIVEIRA, R. A. J. Dialogando com Magda Soares sobre alfabetização, práticas pedagógicas e formação de rede. Práxis Educativa, Ponta Grossa, v. 13, n. 3, p. 928-940, set./dez. 2018. DOI: <https://doi.org/10.5212/PraxEduc.v.13i3.0016>

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. -4. ed.- Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.128p.

SOARES, M. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. Revista Brasileira de Educação, 25, 5-17.

SOARES PEREIRA, Adriana. **Metodologia da pesquisa científica**. – 1. ed. – Santa Maria, RS : UFSM, NTE, 2018.

APÊNDICE A – ENTREVISTA ESTRUTURADA (Google Formulários)

- 1- Nome:
- 2- E-mail
- 3- Qual sua área de formação e em qual instituição se formou?
- 4- Após a graduação, houve outros investimentos na sua formação? Quais?
- 5- Há quantos anos leciona em classes de alfabetização?
- 6- O que é Alfabetização?
- 7- Quais métodos você já utilizou para alfabetizar seus alunos, neste período pós- pandemia?
- 8- Atualmente você utiliza um método em especial? Qual? Fale um pouco sobre ele e os resultados que ele tem apresentado.
- 9- Podemos dizer que existe um método eficaz de alfabetização?
- 10-O que você considera importante para alfabetizar os alunos?
- 11-A escola teve projetos para auxiliar as crianças que não obtiveram os resultados almejados?
- 12-Em relação ao ensino-aprendizagem das crianças pós-pandemia, conte as dificuldades que atraiu.

Link para acesso:

<https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSfXejiIzjApanJa5evrdEDnOjDltQAgbHSYDv7G7QUfUvyxvA/viewform?usp=sharing>

APÊNDICE B- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado,

O senhor (a) está sendo convidado (a) a participar da pesquisa intitulada: “Os impactos causados no ensino remoto emergencial (ERE) na alfabetização” sob a responsabilidade de: Ruth Fabrício da Silva e do orientador, da Profa. M.a Elizangela Dias Santiago Fernandes de forma totalmente voluntária. Antes de decidir sobre sua permissão para a participação na pesquisa, é importante que entenda a finalidade da mesma e como ela se realizará. Desse modo, houve um vírus, no qual ficou conhecido como COVID-19 que ocasionou vidas brasileiras, como também o fechamento das instituições modificando a rotina das pessoas, assim como o objetivo desse estudo tem como finalidade analisar os processos da alfabetização durante o período pós- pandêmico, portanto é uma pesquisa bibliográfica, qualitativa e exploratória.

Ao pesquisador caberá o desenvolvimento da pesquisa de forma confidencial, a qual o voluntário poderá recusar-se a participar, ou retirar seu consentimento a qualquer fase da realização da pesquisa ora proposta, não havendo qualquer penalização ou prejuízo. Os dados individuais serão mantidos sob sigilo absoluto e será garantida a privacidade dos participantes, antes, durante e após a finalização do estudo. Será garantido que o participante da pesquisa receberá uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, de forma presencial.

Os resultados da pesquisa poderão ser apresentados em congressos e publicações científicas, sem qualquer meio de identificação dos participantes, no sentido de contribuir para ampliar o nível de conhecimento a respeito das condições estudadas. (Res. 466/2012, IV. 3. g. e. h.)

CONSENTIMENTO

Após ter sido informado sobre a finalidade da pesquisa Os impactos causados no ensino remoto emergencial (ERE) na alfabetização e ter lido os esclarecimentos prestados no presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, eu _____ autorizo a participação no estudo, como também dou permissão para que os dados obtidos sejam utilizados para os fins estabelecidos, preservando a nossa identidade. Desta forma, assino este termo, juntamente com o pesquisador, em duas vias de igual teor, ficando uma via sob meu poder e outra em poder do pesquisador.

Campina Grande, _____ de _____ de _____.

Assinatura do(a) Participante

Assinatura da Pesquisadora